

**LYGIA DA FONSECA FERNANDES DA CUNHA:
O PIONEIRISMO FEMININO ALCANÇA A DIREÇÃO DA BIBLIOTECA DO IHGB**

LYGIA DA FONSECA FERNANDES DA CUNHA:
FEMALE PIONEERING REACHES THE DIRECTORSHIP OF THE IHGB LIBRARY

DENISE MARIA C.G. PORTO¹

Resumo

O breve estudo biográfico apresentado neste artigo, em que a fronteira entre os campos da história e da memória se mostra indefinida, analisa o percurso intelectual e profissional da bibliotecária e museóloga Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha (1922-2009), revisitando os primeiros anos de formação em instituições de ensino na cidade do Rio de Janeiro até sua consagração, na maturidade, como referência destacada na área da iconografia histórica brasileira. O estudo evidencia a agência de Lygia da Cunha, primeira mulher a ocupar o cargo de Diretora da Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), bem como suas contribuições à história institucional da entidade, em especial por meio da publicação de ensaios autorais na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (RIHGB). A partir da investigação de um *corpus* documental formado por manuscritos originais do Fundo Lygia da Cunha, custodiado pelo Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e por fontes bibliográficas de referência, o texto reconstrói os caminhos formativos de Lygia da Cunha, enfatizando o seu protagonismo pioneiro como mediadora cultural nos campos da Biblioteconomia, História da Gravura, História da Arte e Museologia. Ao abordar encadeamentos possíveis entre movimentos de emancipação feminina, pesquisa histórica e mediação do patrimônio bibliográfico e documental, a presente análise qualitativa lança luz sobre a representatividade simbólica de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha na

Abstract

This brief biographical study, in which the boundary between the fields of history and memory is blurred, analyzes the intellectual and professional trajectory of librarian and museologist Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha (1922-2009), revisiting her early years of training in educational institutions in the city of Rio de Janeiro until her consecration, in her later years, as a prominent figure in the field of Brazilian historical iconography. The study highlights Lygia da Cunha's agency, the first woman to hold the position of Director of the Library of the Brazilian Historical and Geographical Institute (IHGB), as well as her contributions to the institutional history of the entity, especially through the publication of her own essays in the Journal of the Brazilian Historical and Geographical Institute (RIHGB). Based on an investigation of a documentary corpus consisting of original manuscripts from the Lygia da Cunha Collection, held by the Archive of the Brazilian Historical and Geographical Institute, and reference bibliographic sources, this text reconstructs the formative paths of Lygia da Cunha, emphasizing her pioneering role as a cultural mediator in the fields of Library Science, History of Engraving, Art History, and Museology. By addressing possible connections between movements for women's emancipation, historical research, and the mediation of bibliographic and documentary heritage, this qualitative analysis sheds light on the symbolic representativeness of Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha in expanding the

¹ Mestre e Doutora em História pelo PPGH-Universidade Salgado de Oliveira. Sócia Efetiva do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro (IHGRJ) e do Instituto Histórico e Geográfico de Niterói (IHGN). E-mail: denisegporto@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9001-6529>

ampliação da presença feminina no IHGB e em espaços de guarda, produção e divulgação do saber histórico, cultural e científico no Brasil do século XX.

Palavras-chave: Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha; História das Mulheres; Biblioteca do IHGB; Revista do IHGB; História Institucional.

female presence at the IHGB and in spaces for the preservation, production, and dissemination of historical, cultural, and scientific knowledge in 20th-century Brazil.

Keywords: Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha; Women's History; IHGB Library; IHGB Journal; Institutional History.

1. No alvorecer do século XX iluminaram-se novos horizontes femininos de atuação

No contexto histórico do avanço das conquistas pelos direitos sociais das mulheres brasileiras ao longo do século XX e da inserção delas em segmentos profissionais que até então eram ocupados por homens, os caminhos formativos percorridos pela bibliotecária e museóloga Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha (1922-2009) representam um exemplo paradigmático do alcance desses movimentos, particularmente no que se refere à ascensão a cargos de destaque em instituições públicas e privadas, em especial no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Em meio a esse cenário, no qual novos horizontes femininos de atuação entraram em cena, destacamos a trajetória profissional de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha construída por “uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente [...] estando sujeito a incessantes transformações num espaço que é ele próprio um devir”,² para sublinhar seu protagonismo como uma agente mediadora inserida em uma rede de sociabilidades constituída sobretudo, em “lugares de aprendizado [...] e relações profissionais”³ no âmbito das entidades culturais e acadêmicas no Rio de Janeiro.

Desde os anos 1920, a presença de mulheres nos ambientes de produção e compartilhamento de conhecimento histórico, científico e da memória no Brasil foi adquirindo ao longo das décadas, maior visibilidade e protagonismo. Com isso, novas vozes passaram a ecoar em instâncias relativas à produção, divulgação e interpretação do saber, legitimando o desempenho das mulheres como referências intelectuais em suas áreas de atuação. Nos decênios seguintes, verificou-se uma expansão significativa da produção acadêmica e editorial feminina vinculadas a diversas áreas de pesquisa no Rio de Janeiro, particularmente às da História, Museologia e Biblioteconomia, constituindo um movimento interdisciplinar ascendente, contínuo e potente de transformação institucional, intelectual e cultural no Brasil de então. Com a conquista de autonomia qualificada para o desempenho de novos papéis ocupacionais, as pesquisadoras brasileiras de outrora puderam dar visibilidade às especificidades do universo feminino, assim como às questões ligadas à representatividade

² BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996, p. 189.

³ GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio: modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999, p.20.

social e profissional de seu gênero. Enfim, as mulheres ganharam um lugar privilegiado nos debates científicos e públicos.

No entanto, para que essas vozes pretéritas chegassem até nós, Marc Bloch (1886-1944), o mestre que inspirou a renovação historiográfica promovida na França pela Escola dos *Annales*, aconselhava, em sua prescrição metodológica, que ao historiador caberia lançar mão do auxílio de guias diversos, como inventários de arquivos ou de bibliotecas, repertórios bibliográficos, imagéticos e “documentos de toda sorte”,⁴ para melhor compreender os fatos humanos do passado. A partir de então, investigadoras e investigadores históricos passaram a inserir em suas abordagens temáticas diferentes tipologias de fontes históricas, conferindo autoridade a um repertório polifônico e original de documentos, constituído por diários de viagem, narrativas de si, correspondências, autobiografias, desenhos, pinturas, estampas, fotografias e tantos outros vestígios representativos de existências pretéritas. Assim, novas sínteses historiográficas sob múltiplas perspectivas teóricas destacaram lugares sociais e culturais que um dia foram ocupados por mulheres de outrora, revelando identidades e trajetórias femininas desconhecidas até então, restituindo-lhes protagonismo, voz, singularidade e plena historicidade.

Em meio a tal conjuntura, traçamos um breve perfil biográfico de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha, destacando os caminhos de sua formação intelectual e profissional, a partir da análise de um *corpus* documental constituído por anotações pessoais, manuscritos biográficos e correspondências particulares que integram o Fundo Lygia da Cunha, documentação doada por sua família ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e que se encontra organizada e disponível para consulta pública no Arquivo do IHGB. Somam-se aos documentos de arquivo ensaios de Lygia da Cunha publicados na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (RIHGB), bem como as fontes bibliográficas de referência: *O Acervo Iconográfico da Biblioteca Nacional: Estudos de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha*,⁵ e *O Rio de Janeiro através das estampas antigas*.⁶

⁴ BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro Zahar, 2001, p.82.

⁵ SANTOS, Renata; RIBEIRO, Marcus Venício Toledo; LYRA, Maria de Lourdes Vianna (orgs.). *O Acervo Iconográfico da Biblioteca Nacional: Estudos de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010.

⁶ ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. Estampas antigas, tempos modernos: Lygia Cunha e a cultura visual de seu tempo. In: CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes da. *O Rio de Janeiro através das estampas antigas*. Rev. Técnica: Mônica Carneiro Alves. 2ª ed. Rio de Janeiro: FBN, 2019.

1. Lygia da Cunha: formação intelectual inspirada em mulheres pioneiras

O Rio de Janeiro estava em festa em 1922, pois aquele era o ano em que a Capital Federal se mobilizava em torno dos preparativos para a grande Exposição Comemorativa do Centenário da Independência, efeméride na qual foi criado o Museu Histórico Nacional (MHN) e que suscitaria, também a renovação cultural no Brasil, promovida pelos debates em torno do movimento modernista e da Semana de Arte Moderna. Em meio a esse contexto de festividades e de reformulações profundas no campo cultural e da memória nacional, Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha veio ao mundo no dia 4 de junho de 1922. Filha primogênita de Elisa Ribeiro da Fonseca e Henrique Guilherme Fernandes da Cunha, Lygia teve uma infância cercada de livros, bibliotecas, saraus musicais e arte, pois segundo informa sua destacada biógrafa “ela viveu a infância e parte da juventude no bairro do Grajaú, na Rua Caruaru, em companhia dos três irmãos mais jovens [...] o cultivo da leitura era uma característica do ambiente familiar em que Lygia nasceu e cresceu”.⁷ Por ocasião da conclusão do Curso Secundário Fundamental no Colégio Lafayette, a jovem aluna Lygia da Cunha, contando então com 16 anos de idade, foi aconselhada por um tio a inscrever-se no curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional, o primeiro da América Latina, criado nos anos 1920 pelo Diretor da instituição, Manoel Cícero Peregrino da Silva.⁸ Dois anos à frente, aos dezoito anos de idade, Lygia concluiu o curso figurando entre os vinte e dois alunos aprovados de uma turma composta por trinta e seis inscritos no segundo ano. Entre o grupo dos formandos, quatorze eram mulheres.

Lygia da Cunha já havia concluído sua formação como bibliotecária quando, em março de 1941, foi aprovada em concurso público e nomeada Bibliotecária-Auxiliar para trabalhar na Biblioteca do Museu Nacional. A partir de então, Lygia iniciaria uma longa trajetória profissional na carreira que escolhera. Certamente, esse foi um período de intenso aprendizado pessoal, bem como de crescimento profissional e intelectual, pois à época, o Museu Nacional era dirigido pela antropóloga Heloísa Alberto Torres (1895–1977)⁹ a

⁷ LYRA, Maria de Lourdes Vianna. Perfil Biográfico de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha. In: SANTOS, Renata; RIBEIRO, Marcus Venício Toledo; LYRA, Maria de Lourdes Vianna (orgs.). *O Acervo Iconográfico da Biblioteca Nacional: Estudos de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010, p. 27.

⁸ *Biblioteca Nacional, Memória e Informação*. Catálogo Comemorativo dos 180 anos da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1990, p. 52.

⁹ Heloísa Alberto Torres (1895-1977) nasceu no Rio de Janeiro e é considerada uma protagonista no desenvolvimento da Antropologia brasileira e no fortalecimento de instituições científicas e de cultura no Brasil.

primeira mulher a ocupar o mais alto posto administrativo da instituição, entre os anos de 1939 e 1955. Durante sua gestão, ela renovou os quadros técnicos voltados às pesquisas em Antropologia, Geologia, Paleontologia, Botânica e Zoologia e integrou o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil, de 1934 a 1939, sendo ela a única mulher a compor o referido Conselho.¹⁰ Vale mencionar, contudo, que o caminho que Heloísa Alberto Torres trilhou até chegar à direção da instituição começou formalmente a partir de um concurso público para o cargo de professora substituta da Divisão de Antropologia e Etnografia do Museu Nacional. Assim, Heloísa Alberto Torres tornou-se a primeira professora concursada a lecionar a cadeira de Antropologia daquela instituição.

Por certo, os anos transcorridos no Museu Nacional proporcionaram à bibliotecária-auxiliar Lygia da Cunha uma convivência estimulante com mulheres cientistas e reconhecidas nacionalmente por suas contribuições acadêmicas e sociais, pois além de sua diretora, Heloísa Alberto Torres, o primeiro museu de Ciências Naturais do Brasil contava em seu quadro funcional, com a naturalista e sufragista Bertha Lutz (1894-1976). Salienta-se que, naqueles anos, Bertha Lutz era uma referência nas lutas pelos direitos de emancipação social, intelectual e profissional das mulheres, tanto quanto nas mobilizações pela conquista do voto feminino no Brasil. O ativismo feminista de Bertha Lutz foi uma inspiração libertária, sendo plausível considerar que também atuaria sobre as escolhas formativas de Lygia da Cunha.

Graduada em Botânica, Biologia, Ciências Naturais, Zoologia e Química, pela Faculdade de Ciências de Paris, Sorbonne, no ano de 1918, Bertha Lutz teve contato com o movimento sufragista ainda durante a sua estada na Europa. De volta ao Brasil em 1919, Lutz fundou a Liga Para a Emancipação Intelectual da Mulher e, no mesmo ano, ingressou por concurso no Museu Nacional do Rio de Janeiro para exercer a função de secretária na instituição, onde se aposentou no ano de 1966. Pertencendo a uma geração em que mulheres cientistas definiam seus papéis na sociedade, Bertha Lutz “atuou [...] apoiada tanto em sua inserção científica e institucional quanto no movimento feminista do qual fazia parte”.¹¹

SILVA, Maria do Perpétuo Socorro Lopes de Souza. Uma contribuição à História das mulheres nas ciências do Brasil: Heloísa Alberto Torres, a primeira Diretora do Museu Nacional/UFRJ. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e Epistemologias-HCTE) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018, p. 26.

¹⁰ FARIA, Luiz de Castro. *Heloísa Alberto Torres (1895-1977)*. Disponível em: https://www.museunacional.ufrj.br/semiar/docs/Listagem_de_artigos_e_periodicos/artigo_FARIA-LUIS.pdf. Acesso em 16 de janeiro de 2026.

¹¹ SOUSA, Lia Gomes Pinto de. Educação e Profissionalização de mulheres. Trajetória científica e feminista de Bertha Lutz no Museu Nacional do Rio de Janeiro (1919-1937). Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2009, p. 8.

Assim, reluzindo no rol das mulheres pioneiras no Brasil da primeira metade do século XX, Bertha Lutz, “que povoou a opinião pública de sua época”,¹² é reconhecida como a segunda mulher a ingressar nos quadros do serviço público brasileiro, sendo precedida pela diplomata Maria José de Castro Rabello¹³ em 1918. Em decorrência da conquista de um cargo funcional no serviço público, Bertha tornou-se um modelo para outras mulheres brasileiras que desejavam, como ela, transpor a “linha divisória entre o mundo da família onde ficavam as mulheres e o mundo público do trabalho e sucesso profissional onde estavam os homens”.¹⁴ Como visto, Bertha Lutz contribuiu decisivamente no esforço para a emancipação intelectual feminina no Brasil ao longo dos Novecentos.¹⁵

Diante desse panorama, a mentalidade profissional de Lygia da Cunha, uma jovem mulher de 19 anos que estava dando os seus primeiros passos na carreira pública conquistada, teria sido refinada por ideias, práticas e métodos provenientes daquele fértil e estimulante ambiente intelectual de trabalho. Naquele espaço museal transitavam especialistas, pesquisadores, cientistas, professores e alunos, homens e mulheres numa intensa movimentação em prol da renovação e divulgação científica brasileira. Durante os quatro anos em que esteve ocupando o cargo de bibliotecária-auxiliar no Museu Nacional, Lygia teria amadurecido o seu perfil profissional, tanto pela prática cotidiana junto aos pesquisadores no atendimento com informações bibliográficas para as pesquisas multidisciplinares no campo das Ciências Naturais e da Antropologia, quanto pela experiência adquirida na convivência regular com a diretora Heloísa Alberto Torres e com a naturalista Bertha Lutz, que foram, certamente, referências luminares para o desenvolvimento intelectual de Lygia da Cunha. Ao recordar os anos transcorridos no Museu Nacional, Lygia afirmou que: “Foi ótimo [...] aqueles anos foram uma verdadeira escola, em todos os sentidos”.¹⁶

¹² Ibidem, p.9.

¹³ A diplomata Maria José de Castro Rabello (1891-1936) foi uma pioneira ao ingressar no serviço público brasileiro sendo aprovada em primeiro lugar no Concurso do Itamaraty em 28 de setembro de 1918. Disponível em: <https://apd.org.br/a-primeira-mulher-no-servico-publico-brasileiro-100-anos/> Acesso em: 12 de janeiro de 2026.

¹⁴ KURZAWA, Luciane Lima Peres. *O papel da mulher na gestão pública*. Disponível em: <https://arq.sefaz.ms.gov.br/age/artigostec/artigoluciane.pdf> Acesso em :12 janeiro de 2026.

¹⁵ No contexto do pioneirismo de mulheres nas lutas pela emancipação feminina, citamos a presença da mineira Jerônima Mesquita (1880-1972), que participou ativamente do movimento sufragista, sempre com a coparticipação da amiga ativista, Bertha Lutz. MONTES, Natália. *A mulher que emponderava mulheres*. Curitiba: Editora Casa, 2004, p. 11.

¹⁶ ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. Estampas antigas, tempos modernos: Lygia Cunha e a cultura visual de seu tempo. In: CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes da. *O Rio de Janeiro através das estampas antigas*. Rev. Técnica: Mônica Carneiro Alves. 2ª ed. Rio de Janeiro: FBN, 2019, p. 9.

2. Do Museu Nacional à Biblioteca Nacional: trajetórias em um novo tempo

Estimulada a aprofundar os seus conhecimentos, especializando-se e capacitando-se na profissão, Lygia da Cunha, em 1943, concluiu o Curso de Biblioteconomia do Departamento de Administração do Serviço Público (DASP), Divisão de Aperfeiçoamento, e, no ano seguinte, prestou um novo concurso para a Classe I da carreira de bibliotecário do quadro permanente do Ministério da Educação e Saúde em janeiro de 1945 conforme está registrado em seu *Curriculum Vitae*.¹⁷ Esse concurso permitiu que Lygia da Cunha fosse efetivada na Biblioteca Nacional “para exercer a função de chefe da Seção de Contribuição Legal da Divisão de Aquisição”,¹⁸ cargo que assumiria a partir do ano seguinte. Dessa forma, ao chegar à Biblioteca Nacional, Lygia levava consigo uma bagagem profissional robusta, adquirida nos anos de aprendizado como bibliotecária-auxiliar do Museu Nacional e no Curso de Biblioteconomia do DASP, que fizera em 1943. Essas experiências logo se destacaram em sua primeira chefia na Biblioteca Nacional no ano de 1946 quando a instituição estava sob a direção-geral do bibliotecário e bibliófilo Rubens Borba de Moraes (1899-1986). Em sua gestão foi implementada, em janeiro de 1946, a reforma administrativa que criou a Divisão de Obras Raras e Publicações, pelo decreto-lei nº 8679 e que resultou na criação da Seção de Iconografia. Sobre isso, Lygia da Fonseca resume:

Pela reforma de 1946, que reuniu na Seção de Iconografia o acervo de duas seções já existentes — Estampas e Mapas —, ficou esta seção especializada em estampas e desenhos originais; livros referentes às belas artes e bibliografias especializadas; documentação iconográfica sobretudo referente ao Brasil (incluindo-se alguns originais de estampas e desenhos, fotografias e reproduções fac-similares) mapas e atlas, além de um pequeno conjunto de obras básicas sobre geografia antiga.¹⁹

As mudanças implementadas pelo novo Diretor-Geral tiveram, na chefia da bibliotecária Lygia da Cunha na Seção de Contribuição Legal da Divisão de Obras Raras, um

¹⁷ O documento manuscrito *Curriculum Vitae* integra 37 páginas, onde estão registradas, a trajetória e a produção acadêmica e profissional de Lygia da Fonseca. Fonte: Fundo Lygia da Cunha - Arquivo do IHGB.

¹⁸ LYRA, Maria de Lourdes Vianna. Perfil Biográfico de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha. In: SANTOS, Renata; RIBEIRO, Marcus Venício Toledo; LYRA, Maria de Lourdes Vianna (orgs.). *O Acervo Iconográfico da Biblioteca Nacional: Estudos de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010, p. 26.

¹⁹ CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha. A Seção de Iconografia da Biblioteca Nacional. In: SANTOS, Renata; RIBEIRO, Marcus Venício Toledo; LYRA, Maria de Lourdes Vianna (orgs.). *O Acervo Iconográfico da Biblioteca Nacional: Estudos de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010, p. 76.

modelo de sua eficiência. Seguindo as diretrizes da reforma, que previa um programa de aperfeiçoamento técnico e de qualificação acadêmica voltado para os servidores da Biblioteca Nacional, Lygia da Cunha, ao final do primeiro ano de sua chefia, recebeu uma bolsa de estudos no *Institut Français de Hautes Études* para cursar História da Arte e História da Gravura do século XVIII, na *Bibliothèque Nationale de France* e no *Musée du Louvre*, Paris, entre os meses de março de 1947 e fevereiro de 1948. Portanto, ao concluir a bolsa de estudos, Lygia da Cunha retornou ao Brasil trazendo para a Biblioteca Nacional a sua primeira especialização no campo da pesquisa com gravuras. De volta ao país no ano de 1948, Lygia tornara-se a bibliotecária mais qualificada da instituição para a gestão especializada do acervo de gravura e iconografia, o que a levou a exercer como “substituta a função de chefe da Seção de Iconografia da Divisão de Obras Raras e Publicações da Biblioteca Nacional, passando a titular no ano seguinte”²⁰ com apenas vinte e oito anos de idade.

E foi a partir da sólida preparação teórico-metodológica pregressa que Lygia da Cunha, chefiando uma equipe de bibliotecárias especialmente preparadas por ela, analisou, catalogou e tornou públicas, através de exposições parciais e publicações de catálogos, as preciosidades iconográficas ali guardadas:

Não só os trabalhos técnicos ocupam os responsáveis, pois, segundo as atribuições que assumem ao responder pela seção, devem eles preparar para divulgação estudos sobre as diversas peças do acervo, como também tornar público, através de exposições parciais e publicações de catálogos, as coleções sob a sua guarda.²¹

Ao assumir a chefia da Seção de Iconografia, Lygia da Cunha implantou na sua equipe uma mentalidade de trabalho multidisciplinar, em que o aprofundamento em estudos sobre a História da Arte, História da Gravura, História do Brasil, a Geografia e a Cartografia Antigas eram imprescindível para a análise dos objetos e para o bom desenvolvimento do trabalho preparatório das fichas catalográficas das coleções. Segundo Lygia da Cunha:

A maioria dos leitores que se aproveita daquelas coleções [...] nem sempre avalia o quanto demorou para ser realizado o trabalho preparatório que se completa com uma simples inserção de uma ficha catalográfica nos respectivos fichários. É de se desejar que, além do tratamento técnico adquirido nos cursos de biblioteconomia, as

²⁰ LYRA, Maria de Lourdes Vianna. Perfil Biográfico de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha. In: SANTOS, Renata; RIBEIRO, Marcus Venício Toledo; LYRA, Maria de Lourdes Vianna (orgs.). *O Acervo Iconográfico da Biblioteca Nacional: Estudos de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010, p. 28.

²¹ CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha. A Seção de Iconografia da Biblioteca Nacional. In: SANTOS, Renata; RIBEIRO, Marcus Venício Toledo; LYRA, Maria de Lourdes Vianna (orgs.). *O Acervo Iconográfico da Biblioteca Nacional: Estudos de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010, p. 80.

bibliotecárias dedicadas a este setor, se aprofundem em outros conhecimentos, sobretudo, História do Brasil, História da Arte (em especial, História da gravura), Geografia e Cartografia Antigas.²²

3. O Curso de Museus do Museu Histórico Nacional: uma complementação na formação artística de Lygia da Cunha

Os anos 1950 avançavam, e em meio às transformações políticas e culturais que se processavam na Capital Federal do Brasil naquela década, o ensaísta e filólogo Celso Ferreira da Cunha (1917-1989) foi convidado pelo recém-empossado Presidente Juscelino Kubitschek para ocupar a Diretoria-Geral da Biblioteca Nacional em 1956, na qual permaneceria no cargo até o ano de 1960. Entre as relevantes realizações de sua administração, Celso Cunha executou um intenso plano de ativação das relações culturais internacionais, através de exposições da Biblioteca Nacional no exterior e adquiriu para o acervo da instituição as bibliotecas particulares de Artur Ramos e a de Abraão de Carvalho, sendo a última, a maior coleção especializada em música da América Latina. As realizações de Celso Cunha durante sua gestão à frente da Biblioteca Nacional coincidiam com *Zeitgeist*²³ daqueles anos, “pois cada época incorpora a forma e o espírito da sua idade”²⁴ em que Lygia da Cunha se faria presente dando a sua contribuição.

A década de 1950 presenciou no Brasil o “desenvolvimento industrial e de otimismo pós-guerra, iniciado no segundo governo Vargas, entre 1951 e 1954, e acelerado no governo JK, no período de 1956 a 1960”.²⁵ Animados pelo espírito de euforia desenvolvimentista e de esperança nos novos tempos promissores, surgiram, no Rio de Janeiro, “segmentos intelectuais contagiados com a vontade de mudança, responsáveis por novas formas de conceber o cinema, o teatro, a música, a poesia [...] manifestando-se também nas artes plásticas [...] com o sucesso do concretismo e do abstracionismo”.²⁶

²² CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes da. A seção de Iconografia da Biblioteca Nacional. In: SANTOS, Renata; RIBEIRO, Marcus Venício Toledo; LYRA, Maria de Lourdes Vianna (orgs.). *O Acervo Iconográfico da Biblioteca Nacional: Estudos de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010, p. 80.

²³ O termo *Zeitgeist*, de origem alemã, possui o significado de espírito de uma época, sinais do tempo, e passa a ser utilizado no final do século XVIII por Johann Gottfried Herder (1744- 1803). CONTI, Thiago Fernando Spanholeto. Uma análise do movimento *Zeitgeist*: liberalismo e utilitarismo. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2018.

²⁴ RODRIGUES, José Honório. *História e Historiadores*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008, p. 177.

²⁵ MESQUITA, Cláudia. *De Copacabana à Boca do Mato: o Rio de Janeiro de Sérgio Porto e Stanislaw Ponte Preta*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008, p. 50.

²⁶ MESQUITA, Cláudia. *De Copacabana à Boca do Mato: o Rio de Janeiro de Sérgio Porto e Stanislaw Ponte*

Com a inauguração do Museu de Arte Moderna (MAM), no Rio de Janeiro, em 1948, sob a presidência de Raymundo de Castro Maya, e ainda sem sede própria foi realizada no ano seguinte, nas dependências do atual Palácio Gustavo Capanema, a maior exposição de arte moderna “até então realizada no país”,²⁷ lembrando que a sua inauguração foi “uma das iniciativas expressivas do modernismo carioca, reafirmando a capacidade do Rio em reverberar para o Brasil os movimentos artísticos internacionais de vanguarda”.²⁸ Nesse contexto de grande efervescência cultural, cabe frisar, contudo, que um outro marco relevante para a consolidação do Movimento Concretista no Brasil foi a realização da I Exposição Nacional de Arte Abstrata, no ano de 1953, na cidade de Petrópolis e que contou com a participação de artistas como Ivan Serpa,²⁹ Abraham Palatnik,³⁰ Décio Vieira,³¹ Lygia Clark,³² Lygia Pape³³ e Aluísio Carvão,³⁴ entre outros que se tornaram nos anos seguintes grandes referências do Movimento Concretista na arte brasileira.

Por sua vez, toda essa dinâmica de renovação da arte no Brasil estava sendo acompanhada de perto por Lygia da Cunha, uma vez que, autorizada pela política de aquisições da Biblioteca Nacional na gestão de Celso Cunha, ela pôde investir na aquisição de desenhos e

Preta. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008, p. 50.

²⁷ ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. Estampas antigas, tempos modernos: Lygia Cunha e a cultura visual de seu tempo. In: CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes da. *O Rio de Janeiro através das estampas antigas*. Rev. Técnica: Mônica Carneiro Alves. 2ª ed. Rio de Janeiro: FBN, 2019, p. 10.

²⁸ MESQUITA, Cláudia. *De Copacabana à Boca do Mato: o Rio de Janeiro de Sérgio Porto e Stanislaw Ponte Preta*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008, p. 50.

²⁹ Ivan Serpa (1923-1973) representante do movimento construtivo no Brasil, exerceu um papel relevante na formação de artistas e na difusão da arte concreta. CAMPOS, Haroldo de. Arte Construtiva no Brasil: depoimento por ocasião dos 40 anos da Exposição Nacional de Arte Concreta. *Revista USP*, São Paulo (30): 251-261.junho/agosto de 1996, p. 252.

³⁰ Abraham Palatnik (1928-2020) emerge como figura central da arte cinética no Brasil. CAMPOS, Haroldo de. Arte Construtiva no Brasil: depoimento por ocasião dos 40 anos da Exposição Nacional de Arte Concreta. *Revista USP*, São Paulo (30): 251-261.junho/agosto de 1996, p. 251.

³¹ Décio Luiz Monteiro Vieira (1922-1988) foi um dos principais artistas do movimento concretista que marcou a arte brasileira na década de 1950. MENDONÇA, Vanessa Cristina Cavalcante de. *Tecidos Estampados e Gravura Artística-Encontros na obra de Fayga Ostrower-de 1952-67, no Rio de Janeiro. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História da Arte)* - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

³² Lygia Clark (1920-1988), iniciou sua carreira no Rio de Janeiro, influenciada por Burle Marx e participou ativamente do Movimento Concretista, contribuindo para a renovação da arte brasileira. GIOVANI, Giulia Vilela. *A análise de técnicas e materiais aplicada à conservação de arte contemporânea: o uso da tinta industrial sobre madeira na produção pictórica de Lygia Clark*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, 2014.

³³ Lygia Pape (1927-2004) se destacou como uma das principais artistas a explorar as possibilidades da arte construtiva. MACHADO, Vanessa Rosa. *Lygia Pape, espaços de ruptura*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

³⁴ Aluísio Carvão (1920-2001), deixou sua marca em diversas áreas da arte e se envolveu ativamente com o Movimento Concretista brasileiro, participando de importantes exposições e contribuindo para a definição de um estilo próprio. N/A.

estampas dos artistas contemporâneos que se destacavam no cenário brasileiro para integrar o acervo da Seção de Iconografia, pois segundo Joaquim Marçal Ferreira de Andrade:

Lygia Cunha viveu ativamente o período em que os documentos iconográficos — desenhos e pinturas, estampas e fotografias — começaram a ser utilizados na escrita da história, deixando de ser meras ilustrações. Foi, ainda, o tempo em que as artes visuais, inclusive a fotografia, consolidaram o seu campo — museus, galerias, bienais, produção editorial, crítica, ensino e pesquisa —, tendo sido ela a principal responsável pela inserção da Biblioteca Nacional nesse abrangente circuito.³⁵

Assim, sob os ventos renovadores soprados por Celso Cunha na Biblioteca Nacional, Lygia sentiu que era preciso aprofundar as suas competências no campo das artes plásticas, e, para isso, buscou, no ano de 1955, a oportunidade de especializar-se no Curso de Museus do Museu Histórico Nacional (MHN), pois nas palavras da bibliotecária:

Nessa época, eu senti como era importante aprofundar o conhecimento sobre os acervos ali guardados [Na Biblioteca Nacional]. Então eu me propus a fazer o curso do Museu Histórico Nacional, muito voltado para a arte, como uma complementação da minha formação.³⁶

O Curso de Museus do Museu Histórico Nacional foi criado em 1932 por iniciativa do diretor da instituição à época, Rodolfo Garcia (1873- 1949).³⁷ Resultante de um pedido que Garcia fez ao então Ministro da Educação e Saúde Pública, Francisco Campos, ratificado no Decreto nº 21.129 de 7 de março de 1932, a proposta de Rodolfo Garcia para a criação do Curso de Museus, estabelecia um compromisso de cooperação mútua entre o Museu Histórico Nacional (MHN), a Biblioteca Nacional (BN) e o Arquivo Nacional (AN) de preservação e acesso aos acervos dessas instituições. A intenção de Garcia era a de instituir ainda no mesmo ano um curso único destinado à formação e especialização dos funcionários das três instituições: MHN, BN e AN. Nos anos seguintes o Curso de Museus do Museu Nacional

³⁵ ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. Estampas antigas, tempos modernos: Lygia Cunha e a cultura visual de seu tempo. In: CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes da. *O Rio de Janeiro através das estampas antigas*. Rev. Técnica: Mônica Carneiro Alves. 2ª ed. Rio de Janeiro: FBN, 2019, p. 8.

³⁶ ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. Estampas antigas, tempos modernos: Lygia Cunha e a cultura visual de seu tempo. In: CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes da. *O Rio de Janeiro através das estampas antigas*. Rev. Técnica: Mônica Carneiro Alves. 2ª ed. Rio de Janeiro: FBN, 2019, p. 10.

³⁷ Rodolfo Augusto de Amorim Garcia foi um historiador e filólogo, nascido em 25 de maio de 1873 no Rio Grande do Norte. É reconhecido por sua erudição histórica, dedicação à pesquisa documental, análise crítica e por divulgar documentos de interesse aos estudos da história do Brasil Colônia e Império. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e da Academia Brasileira de Letras (ABL). Em 1930, tornou-se diretor do Museu Histórico Nacional e, em 17 de novembro de 1932, foi indicado para assumir a direção da Biblioteca Nacional, onde exerceu o cargo até o ano de 1946. PORTO, Denise Maria C. G. Do Recife Letrado à República das Letras: itinerários biográficos de Rodolfo Garcia (1903-1943). *Pesquisa & Educação a Distância*, vol.6 nº 27 (2025), p. 1-15. ISSN- 2358-646.

tornou-se efetivo e o seu êxito deveu-se à combinação de alguns fatores, como por exemplo, a adesão dos funcionários do MHN.³⁸

4. O protagonismo de Lygia da Cunha alcança a academia: a pioneira Diretora da Biblioteca do IHGB.

A busca constante por aperfeiçoamento nas áreas da Biblioteconomia, Museologia e História da Arte levou a chefe da Seção de Iconografia da Biblioteca Nacional — que ensinava as bibliotecárias do setor a “olhar a imagem para além do processo” —³⁹ a ser admitida no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1971. Em vista disso, Lygia da Cunha foi a segunda “intelectual feminina brasileira a ser ali eleita”,⁴⁰ tendo sido precedida pela historiadora portuguesa Virgínia Rau (1907-1973), eleita Sócia Correspondente no ano de 1965, e Isa Adonias (1919-1997), a primeira historiadora brasileira a ser admitida como Sócia Efetiva no IHGB, em 1968. O ingresso de Lygia da Cunha no IHGB também a inscreve na história da instituição pelo feito inédito de ter sido a primeira mulher a ocupar o lugar de Diretora da biblioteca do grêmio histórico, de 1993 até a sua morte, em 2009.

Observa-se que o fundamento para o ingresso de Lygia no *locus* centenário de confluência de estudiosos da cultura histórica brasileira seria o reconhecimento dos membros do IHGB de que os “trabalhos publicados pela Sr.^a Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha, de grande interesse para a iconografia do país [...] plenamente justificam sua admissão ao quadro social de nossa entidade”.⁴¹ Além disso, esperava-se que a sua entrada no IHGB traria uma valiosa contribuição para a organização do setor de documentos iconográficos da própria instituição, uma vez que os seus membros ansiavam pela “assistência e a cooperação de novos

³⁸ GARCIA, Rodolfo. Explicação. In: *Ensaio sobre a História Política e Administrativa do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956, p. 3.

³⁹ A citação é de autoria da bibliotecária e atual Coordenadora de Acervo Especial da Biblioteca Nacional, Mônica Carneiro Alves, que é formada em Biblioteconomia pela UNIRIO e entrou na Biblioteca Nacional no ano de 1984 como estagiária de Lygia da Cunha, então Chefe da Seção de Iconografia. Mônica Carneiro permaneceu trabalhando ao lado da chefe até a sua aposentadoria. Segundo o seu depoimento, Lygia da Cunha tinha profundo conhecimento de todo o acervo, e que por ela ter formação em História, ensinava aos bibliotecários da Seção a olharem “a imagem para além do processo”. ALVES, Mônica Carneiro. Entrevista concedida à autora. 2024. Coordenação de Acervo Especial/Fundação Biblioteca Nacional.

⁴⁰ LYRA, Maria de Lourdes Vianna. Perfil Biográfico de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha. In: SANTOS, Renata; RIBEIRO, Marcus Venicio Toledo; LYRA, Maria de Lourdes Vianna (orgs.). *O Acervo Iconográfico da Biblioteca Nacional: Estudos de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010, p. 30 - 31.

⁴¹ Excerto da transcrição do documento manuscrito “Parecer- Comissão de História”. Fonte: Fundo Lygia da Cunha - Arquivo do IHGB.

sócios que lhe possam dar a devida atenção” conforme revela a transcrição do “Parecer da Comissão de História” assinado pelo historiador Hélio Vianna, apresentado a seguir:

Parecer - Comissão de História.⁴²

A comissão de História do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, conhecendo os trabalhos publicados pela Sr.^a Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha, de grande interesse para a Iconografia do país, especialmente da cidade do Rio de Janeiro, é de parecer que os mesmos plenamente justificam sua admissão ao quadro social de nossa entidade. Acrescenta que, também como chefe da Seção de Iconografia da Biblioteca Nacional, a candidata tem prestado grandes serviços a essa instituição, em tão importante setor. O qual, em nosso instituto, é dos mais valiosos, necessitando, portanto, a assistência e a cooperação de novos sócios que lhe possam dar a devida atenção, além dos que a ele já se dedicam.

Rio de Janeiro, 1º de outubro de 1969

Hélio Vianna - Relator.

Cabe destacar que a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1838 está inserida na ideia de consolidação do Estado Nacional, que sob a proteção do Imperador D. Pedro II, afirmou-se como um “lugar privilegiado da produção historiográfica nacional”,⁴³ viabilizando um projeto para elaborar uma história brasileira de maneira sistematizada aos moldes das academias europeias, herdeiras do Iluminismo setecentista. Uma vez implantado o Estado Nacional, impunha-se como tarefa o delineamento de um perfil para a "Nação Brasileira" capaz de lhe garantir uma identidade própria no amplo conjunto das nações, de acordo com os novos princípios organizadores da vida social do século XIX. Entretanto, a gestação de tal projeto destinado a uma sociedade marcada pelo trabalho escravo e pela existência de populações indígenas envolvia dificuldades específicas. É, portanto, à tarefa de pensar o Brasil segundo os postulados próprios de uma história comprometida com o desvendamento do processo de gênese da Nação, que se entregam os letrados reunidos em torno do IHGB, como aponta Manoel Luiz Salgado Guimarães.⁴⁴ Com a instauração da República, tornou-se necessário escrever uma história nacional que inventasse uma nova tradição simbólica e política brasileira, destinada a legitimar a identidade nacional republicana:

⁴²Transcrição integral do documento manuscrito “Parecer - Comissão de História do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, redigido e assinado pelo Relator Hélio Vianna e datado em 1º de outubro de 1969. Fonte: Fundo Lygia da Cunha- Arquivo do IHGB

⁴³ GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e Civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, 1988, p. 3 - 27.

⁴⁴ GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e Civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, 1988, p. 3 - 27.

No período de 1910-20, os meios intelectuais vivenciaram uma fase de efervescente reafirmação dos sentimentos cívicos. À medida que crescia esse apostolado, reflexo da crise internacional que acabaria desembocando na Primeira Guerra Mundial, tomava corpo uma onda de interesse pelas questões nacionais. Descortinar o Brasil estava na ordem do dia dos círculos beletristas.⁴⁵

Os anos que se seguiram à Proclamação da República acirraram as diferenças políticas e teóricas evidenciadas entre aqueles que apoiavam o novo regime republicano e os demais que se ressentiam com a derrubada da monarquia. Nesse contexto, os debates dos membros do IHGB em torno dos “processos de construção de uma escrita da história e de uma cultura cívica republicana se farão por negociação e apropriação de tradições, mesmo no caso das chamadas tradições inventadas”.⁴⁶ Nessa perspectiva, a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (RIHGB), que desde o seu primeiro número publicado no ano de 1839, é o mais longo periódico em circulação no Brasil, terá centralidade na divulgação das pesquisas dos sócios da agremiação em torno de temáticas sobre a história, a sociedade e a memória brasileiras.

Nesse sentido, uma vez eleita Sócia Honorária em 1971, Lygia da Cunha recebeu a honraria comovida, declarando que “desnecessário seria dizer da minha satisfação e honra em merecer tal distinção, recebida com verdadeira e sincera modéstia”.⁴⁷ Considerada pelos pares como uma intelectual erudita sempre disposta a compartilhar os seus conhecimentos, Lygia da Cunha logo se destacou no IHGB pela competência, entusiasmo e dedicação à instituição. A seguir, apresentamos o documento “Carta do 2º Secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Manuel Xavier de Vasconcellos Pedrosa, de 21 de maio de 1971”, comunicando à nova consócia Lygia da Cunha a aprovação de seu nome para integrar os quadros do IHGB como Sócia Honorária, seguida da transcrição do documento.⁴⁸

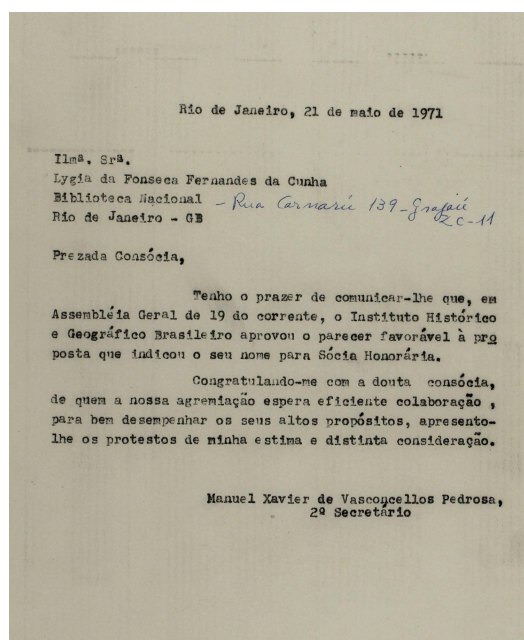
⁴⁵ GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. *Da Escola Palatina ao Silogeu: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1938)*. Rio de Janeiro: Editora Museu da República, 2006, p. 81.

⁴⁶ GOMES, Angela de Castro. *A República, a História e o IHGB*. Belo Horizonte: Argumentum Editora, 2009, p. 12.

⁴⁷ LYRA, Maria de Lourdes Vianna. Perfil Biográfico de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha. In: SANTOS, Renata; RIBEIRO, Marcus Venício Toledo; LYRA, Maria de Lourdes Vianna. (orgs.). *O Acervo Iconográfico da Biblioteca Nacional: Estudos de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010, p. 31.

⁴⁸ Documento manuscrito: Carta do 2º Secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Manuel Xavier de Vasconcellos Pedrosa para Lygia da Cunha, datada em 21 de maio de 1971. Fonte: Fundo Lygia da Cunha - Arquivo do IHGB.

Figura 1: Documento: Carta do 2º Secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Manuel Xavier de Vasconcellos Pedrosa, de 21 de maio de 1971



Fonte: Fundo Lygia da Cunha – Arquivo do IHGB

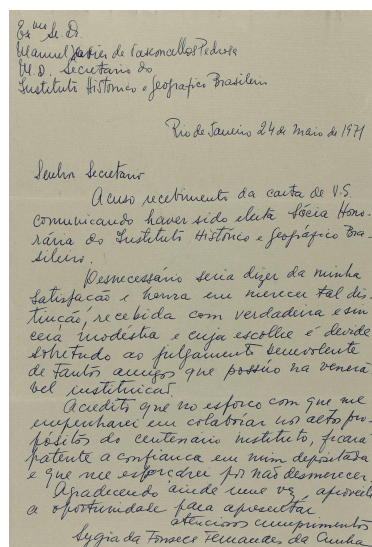
Transcrição do documento anterior:

Rio de Janeiro, 21 de maio de 1971
Ilma Srª.
Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha
Rua Caruaru 139- Grajaú 2C- 11
Rio de Janeiro- GB
Prezada, consócia,
Tenho o prazer de comunicar-lhe que, em Assembleia Geral de 19 do corrente, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro aprovou o parecer favorável à proposta que indicou o seu nome para Sócia Honorária.
Congratulando-me com a douda consócia, de quem a nossa agremiação espera eficiente colaboração, para bem desempenhar os seus altos propósitos, apresento-lhe os protestos de minha estima e distinta consideração.
Manuel Xavier de Vasconcellos Pedrosa
2º Secretário

Abaixo, segue o documento “Carta de Lygia da Cunha ao 2º Secretário do IHGB, Manuel Xavier de Vasconcellos Pedrosa, de 24 de maio de 1971”, na qual Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha acusa o recebimento da carta anterior comunicando a sua indicação para Sócia Honorária do IHGB - cuja transcrição é apresentada a seguir:⁴⁹

⁴⁹ Documento manuscrito: Carta de Lygia da Cunha ao 2º Secretário do IHGB, Manuel Xavier de Vasconcellos

Figura 2: Documento: Carta de Lygia da Cunha ao 2º Secretário do IHGB, Manuel Xavier de Vasconcellos Pedrosa, de 24 de maio de 1971



Fonte: Fundo Lygia da Cunha – Arquivo do IHGB

Transcrição do documento anterior:

Excelentíssimo Sr. Dr. Manuel Xavier de Vasconcellos Pedrosa

M.D. Secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

Rio de Janeiro, 24 de maio de 1971

Senhor Secretário

Acuso o recebimento da carta de V.S. comunicando haver sido eleita Sócia Honorária do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Desnecessário seria dizer da minha satisfação e honra em merecer tal distinção, recebida com verdadeira e sincera modéstia e cuja escolha é devido sobretudo ao julgamento benevolente de tantos amigos que possuo na venerável instituição.

Acredito que no esforço com que me empenharei em colaborar nos altos propósitos do centenário instituto, ficará patente a confiança em mim depositada e que me esforçarei por não desmerecer.

Agradecendo ainda uma vez, aproveito a oportunidade para apresentar os meus cumprimentos.

Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha

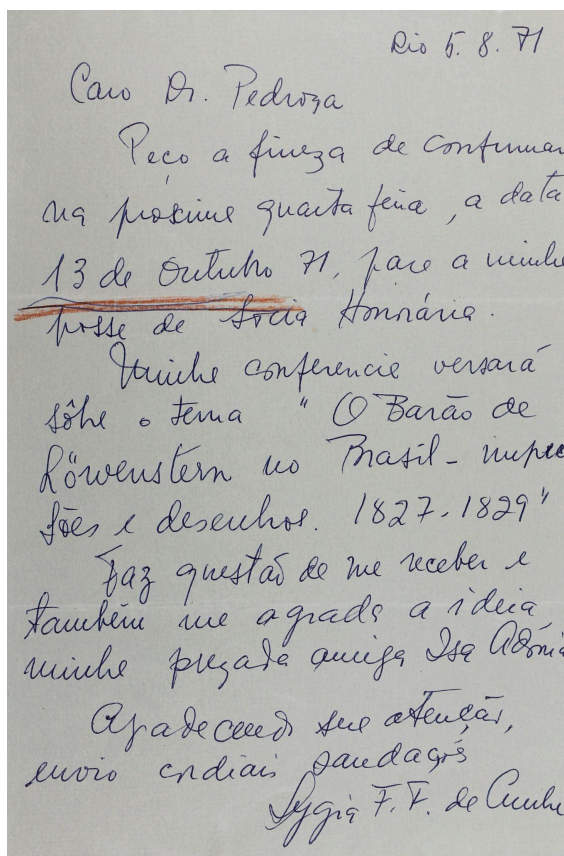
Abaixo segue o documento “Carta de Lygia da Cunha para o 2º Secretário Manuel Xavier de Vasconcellos Pedrosa, de 5 de agosto de 1971”,⁵⁰ na qual Lygia solicita a confirmação da data de sua posse como Sócia Honorária do Instituto Histórico e Geográfico

Pedrosa, datada em 24 de maio de 1971. Fonte: Fundo Lygia da Cunha- Arquivo do IHGB.

⁵⁰ Documento manuscrito: Carta de Lygia da Cunha para o 2º Secretário Manuel Xavier de Vasconcellos Pedrosa datada de 5 de agosto de 1971. Fonte: Fundo Lygia da Cunha - Arquivo do IHGB.

Brasileiro. No documento, Lygia da Cunha informa que está satisfeita por ser recebida na cerimônia de posse pela “minha prezada amiga Sra. Adonias”, a pioneira mulher a ser admitida no quadro social da agremiação, como citado anteriormente. A partir da menção à “Sra. Adonias” inferimos que as duas intelectuais haviam estabelecido entre si laços de amizade e admiração intelectual mútuos e que há uma lacuna relativa aos estudos sobre a presença e atuação das mulheres no IHGB.

Figura 3: Documento: Carta de Lygia da Cunha para o 2º Secretário Manuel Xavier Vasconcellos Pedrosa, de 5 de agosto de 1971



Rio 5.8.71
Caro Dr. Pedrosa
Peço a fineza de confirmar na próxima quarta-feira, a data 13 de outubro 71, para a minha posse de Sócia Honorária.
Minha conferência versará sobre o tema "O Barão de Löwenstern no Brasil - impressões e desenhos. 1827-1829"
Faz questão de me receber e também me agrade a ideia minha prezada amiga Sra. Adonias.
Agradeço suas atencões, e vou enviar meus agradecimentos.
Lygia F. F. da Cunha

Fonte: Fundo Lygia da Cunha - Arquivo do IHGB

Transcrição do documento anterior:

Rio, 5.8.71

Caro Dr. Pedrosa

Peço a fineza de confirmar na próxima quarta-feira, a data 13 de outubro 71, para a minha posse de Sócia Honorária.

Minha conferência versará sobre o tema "O Barão de Löwenstern no Brasil-1827-1829".

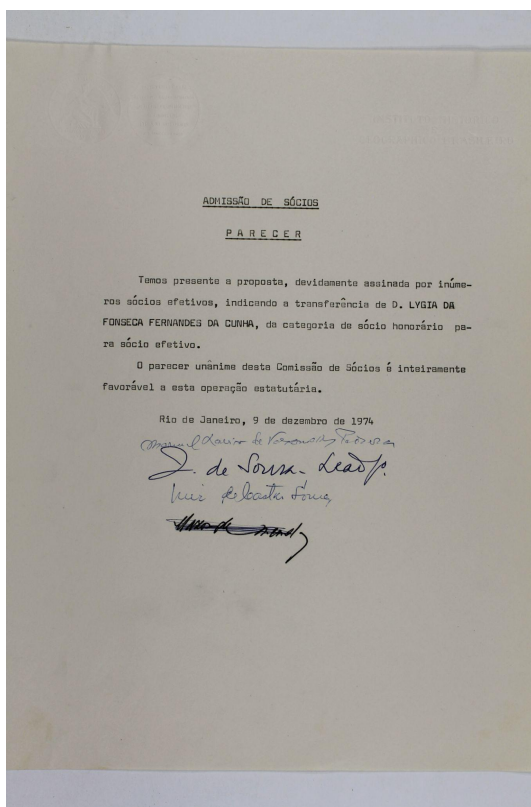
*Faz questão de me receber e também me agrada a ideia, a minha prezada amiga
Sra. Adonias
Agradecendo a sua atenção,
Envio cordiais saudações
Lygia F.F. da Cunha*

A atuação de Lygia da Cunha levou-a, no ano de 1974, a ser eleita Sócia Efetiva, “pelo muito o que compensado a sua curta permanência do quadro social do Instituto, com a brilhante colaboração que tem dado a Casa, seja frequentando a tribuna ou colaborando com a Revista”.⁵¹ A seguir, apresentamos o documento “Carta do 2º Secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Manuel Xavier de Vasconcellos Pedrosa, de 12 de dezembro de 1974”, endereçada a Lygia da Cunha,⁵² informando a aprovação de seu nome para Sócia Efetiva, seguida da transcrição do documento.

Figura 4: Documento: Carta do 2º Secretário do IHGB, Manuel Xavier de Vasconcellos Pedrosa, de 12 de dezembro de 1974

⁵¹ LYRA, Maria de Lourdes Vianna. Perfil Biográfico de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha. In: SANTOS, Renata; RIBEIRO, Marcus Venicio Toledo; LYRA, Maria de Lourdes Vianna. (orgs.). *O Acervo Iconográfico da Biblioteca Nacional: Estudos de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010, p. 31.

⁵² Documento Manuscrito: Carta do 2º Secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Manuel Xavier de Vasconcellos Pedrosa, para Lygia da Cunha, datada em 12 de dezembro de 1974. Fonte: Fundo Lygia da Cunha - Arquivo do IHGB.



Fonte: Fundo Lygia da Cunha – Arquivo IHGB

Transcrição do documento anterior:

Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1974

Ilm^a Sr.^a

Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha

Rua Caruaru, 139

Rio de Janeiro – GB

Prezada Senhora,

Tenho o prazer de comunicar-lhe que, em Assembleia Geral de 11 do corrente, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro aprovou o parecer favorável à proposta que indicou o seu nome para Sócia Efetiva.

Congratulando-me com V. S^a, de quem a nossa agremiação espera eficiente colaboração, para bem desempenhar os seus altos propósitos, apresento-lhe os protestos de minha estima e distinta consideração.

Ao longo dos anos, a participação e, sobretudo, a contribuição de Lygia da Cunha para a representatividade do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro traduziu-se em diversas publicações na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (RIHGB), principal publicação da instituição, na participação assídua das sessões semanais da “Comissão de Estudos e Pesquisas Históricas” (CEPHAS), e na organização de exposições e catálogos relativos a eventos históricos promovidos pelo grêmio. Das inúmeras publicações de Lygia da

Cunha na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, destacamos as que se seguem:

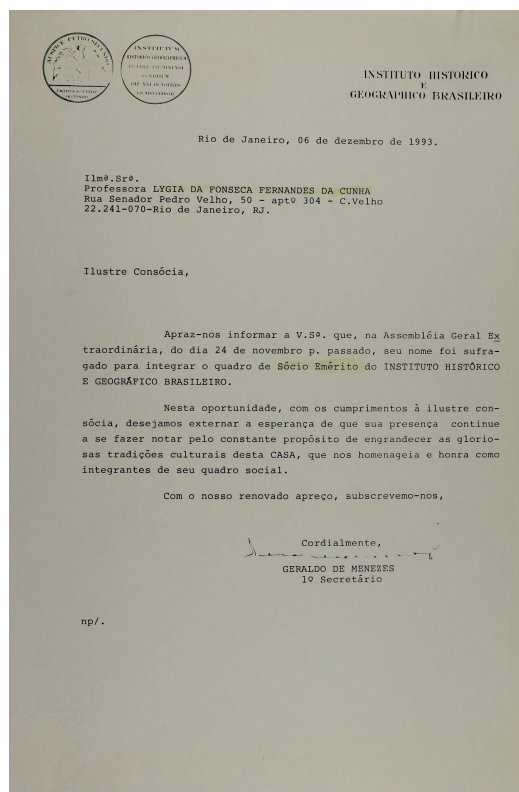
- O Barão de Löwenstern no Brasil: impressões e desenhos: 1827-1829. Conferência pronunciada no IHGB. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 299, p. 116 – 193, abr./jun. 1973.
- Imperatriz D. Tereza Cristina Maria. Conferência pronunciada no IHGB. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 304, 1974.
- Imagens do Rio de Janeiro na época da Regência. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 307, 1975.
- Herkenhoff, Paulo. Biblioteca Nacional, a história de uma coleção. Resenha. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 1996.
- Homenagem a Gilberto Ferrez. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, a. 161, n. 409, p. 199-203, out./dez. 2000.
- Lembrando Moacyr Soares Pereira. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, a. 162, n. 413, p. 221-222, out./ dez. 2001.
- “A Inquisição em Minas Gerais no século XVIII”, de Neusa Fernandes. Resenha. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, a. 163, n. 414, p. 241-244, jan./mar. 2002.
- Cartografia e iconografia do Rio de Janeiro. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, a. 167, n. 432, p. 71-94, jul./set. 2006.
- A gênese da Biblioteca Nacional e a recente divulgação do acervo Real Português. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, a. 168, n. 435, p. 181-194, abr./jun. 2007.

Como visto, a trajetória acadêmica de Lygia da Cunha no IHGB, revelada nos documentos de seu arquivo privado, é pautada por uma relevante produção historiográfica, o que levou os seus pares a reconhecê-la como uma autoridade incontestável no campo da iconografia histórica.

A seguir, apresentamos o documento “Carta do 1º Secretário Geraldo Menezes à Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha”, no qual é informado que Lygia da Cunha fora aprovada

para “integrar o quadro de Sócio Emérito do INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO”.⁵³

Figura 5: Documento: Carta do 1º Secretário Geraldo Menezes à Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha”, de 06 de dezembro de 1993.



Fonte: Fundo Lygia da Cunha – Arquivo do IHGB

Transcrição do documento anterior:

Rio de Janeiro, 06 de dezembro de 1993.

Ilma. Sr.ª.

Professora Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha

Ilustre Consócia,

Apaz-nos informar a V.S.ª, que na Assembleia Geral Extraordinária do dia 24 de novembro p. passado, seu nome foi sufragado para integrar o quadro de Sócio Emérito do INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO.

Nessa oportunidade, com os cumprimentos à ilustre consócia, desejamos externar a esperança de que a sua presença continue a se fazer notar pelo constante propósito de engrandecer as gloriosas tradições culturais desta casa, que nos homenageia e honra como integrantes de seu quadro social.

Com o nosso renovado apreço, subscrevemo-nos,

⁵³ Documento Manuscrito: Carta do 1º Secretário Geraldo Menezes à Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha, datada em 06 de dezembro de 1993. Fonte: Fundo Lygia da Cunha - Arquivo do IHGB.



Cordialmente,
Geraldo de Menezes
1º Secretário
N/p.

Como visto no documento anterior, no ano de 1993 aos 71 anos, Lygia da Cunha foi promovida a Sócia Emérita na instituição histórica. Esse reconhecimento pelos pares de seu “constante propósito de engrandecer as gloriosas tradições culturais desta casa” reforça a imagem de Lygia da Cunha como uma intelectual potente que contribuiu decisivamente para a renovação da centenária instituição histórica. Trazendo consigo uma robusta experiência em organização institucional, fruto dos anos de trabalho à frente de chefias de seções na Biblioteca Nacional, Lygia da Cunha “sugeriu a ideia de reorganizar a administração da casa para melhor funcionalidade das atividades”,⁵⁴ o que culminou na criação de novas diretorias para os setores da Biblioteca, do Arquivo e do Museu da instituição. Logo, a partir desse novo gerenciamento setorial, coube a Lygia da Cunha ocupar o cargo de Diretora da Biblioteca, para o qual foi designada pela Portaria nº 4/ 98 de 14 de janeiro de 1998.

Dando continuidade ao pioneirismo da antecessora, no ano de 2023, outra mulher, também bibliotecária, especialista em livros raros e sócia honorária do IHGB, Ana Virgínia Teixeira da Paz Pinheiro,⁵⁵ assumiu o cargo de Diretora da Biblioteca da instituição. Hoje Ana Virgínia é a segunda mulher a ocupar a direção da biblioteca, responsável pela guarda do acervo bibliográfico histórico do IHGB, posição de relevância estratégica conquistada por Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha há vinte e cinco anos. Importa mencionar que, nas últimas décadas do século XX e nas duas primeiras do século XXI, o IHGB incluiu em seu quadro de sócios, diversas mulheres intelectuais de relevante projeção no cenário histórico-cultural brasileiro em distintas áreas de atuação.

Considerações Finais

⁵⁴ LYRA, Maria de Lourdes Vianna. Perfil Biográfico de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha. In: SANTOS, Renata; RIBEIRO, Marcus Venicio Toledo; LYRA, Maria de Lourdes Vianna. (orgs.). *O Acervo Iconográfico da Biblioteca Nacional: Estudos de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010, p. 31.

⁵⁵ A bibliotecária e servidora pública, Ana Virgínia Teixeira da Paz Pinheiro, nasceu em 27 de julho de 1957, no Rio de Janeiro. Aposentada da Biblioteca Nacional e da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, Ana Virgínia trabalhou nas duas instituições por mais de 35 anos. Formada em Biblioteconomia e Documentação pela UNIRIO em 1978, Ana Virgínia se especializou no segmento de livros raros, sendo hoje reconhecida como uma referência nacional na sua área de atuação. PINHEIRO, Ana Virgínia. Entrevista concedida a Denise Maria C.G. Porto. 2024.

Desde os seus primeiros decênios, o século XX trouxe relevantes conquistas para as mulheres brasileiras, destacadamente no que diz respeito às reivindicações por direitos sociais e à inserção profissional em segmentos até então tradicionalmente ocupados pela população masculina. Assim, com o correr das décadas, mais e mais vozes femininas ganharam potência e amplitude em prol da legitimação de suas próprias escolhas ocupacionais, em um movimento ascendente e contínuo em oposição a uma sociedade patriarcal que, por séculos, procurou manter a população feminina anonimamente silenciada em ocupações de pouca ou nenhuma relevância social.

Ao longo desse ensaio, procuramos demonstrar que as ressonâncias desses movimentos emancipatórios também dialogam com as escolhas de Lygia da Cunha, particularmente aquelas que a conduziram às especializações profissionais nas áreas da Biblioteconomia, Museologia, História da Gravura, História da Arte e iconografia histórica. Esses novos caminhos possíveis foram pavimentados pelo exemplo de mulheres pioneiras — em grande parte ainda invisibilizadas pela historiografia brasileira — que se distinguiram em instituições de memória, dedicando-se às pesquisas científicas e à sua divulgação, bem como à guarda de patrimônio bibliográfico, iconográfico e histórico brasileiro.

Nesse sentido, o ineditismo de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha, no que se refere ao alcance simbólico de sua representatividade feminina à frente da Biblioteca do IHGB, somado ao reconhecimento intelectual entre os pares e à sua consagração como uma referência nacional no campo da iconografia histórica, aponta para uma lacuna nos estudos contemporâneos sobre a presença feminina no IHGB. Destarte, à guisa de epílogo, convidamos pesquisadoras e pesquisadores a recorrer aos documentos custodiados pelo Arquivo do IHGB, assim como ao acervo da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, em um esforço conjunto e necessário de afirmação das mulheres como agentes, guardiães e mediadoras da memória e da história brasileiras.

Referências bibliográficas

- ALVES, Mônica Carneiro. *Entrevista concedida a Denise Maria C. G. Porto*. Rio de Janeiro: Coordenação de Acervo Especial/Fundação Biblioteca Nacional, 2024.
- ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. Estampas antigas, tempos modernos: Lygia Cunha e a cultura visual de seu tempo. In: CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes da. *O Rio de Janeiro através das estampas antigas*. 2. ed. Rio de Janeiro: FBN, 2019.
- BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Catálogo Comemorativo dos 180 anos da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1990.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.
- CAMPOS, Haroldo de. Arte Construtiva no Brasil: depoimento por ocasião dos 40 anos da Exposição Nacional de Arte Concreta. *Revista USP*, São Paulo, n. 30, p. 251-261, jun./ago. 1996.
- CONTI, Thiago Fernando Spanholetto. *Uma análise do movimento Zeitgeist: liberalismo e utilitarismo*. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.
- CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes da. A Seção de Iconografia da Biblioteca Nacional. In: SANTOS, Renata; RIBEIRO, Marcus Venício Toledo; LYRA, Maria de Lourdes Vianna (orgs.). *O Acervo Iconográfico da Biblioteca Nacional: Estudos de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010.
- CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes da. *O Rio de Janeiro através das estampas antigas*. Revisão Técnica: Mônica Carneiro Alves. 2. ed. Rio de Janeiro: FBN, 2019.
- FARIA, Luiz de Castro. *Heloísa Alberto Torres (1895-1977)*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, [s.d.]. Disponível em: https://www.museunacional.uffj.br/semiar/docs/Listagem_de_artigos_e_periodicos/artigo_FARIA-LUIS.pdf. Acesso em: 16 fev. 2026.
- GOMES, Angela de Castro. *A República, a História e o IHGB*. Belo Horizonte: Argumentum Editora, 2009.
- GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio: modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- GIOVANI, Giulia Vilela. *A análise de técnicas e materiais aplicada à conservação de arte contemporânea: o uso da tinta industrial sobre madeira na produção pictórica de Lygia Clark*. 2014. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, Belo Horizonte, 2014.
- GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. *Da Escola Palatina ao Silogeu: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1938)*. Rio de Janeiro: Editora Museu da República, 2006.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 3-27, 1988.

IHGB. *Fundo Lygia da Cunha* [Coleção de Documentos Manuscritos privados: Curriculum Vitae, Parecer da Comissão de História (1969), Cartas Oficiais e correspondências de Manuel Xavier de Vasconcellos Pedrosa e Geraldo Menezes (1971, 1974, 1993)]. Custodiado pelo Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro.

KURZAWA, Luciane Lima Peres. *O papel da mulher na gestão pública*. [s.l., s.d.]. Disponível em: <https://arq.sefaz.ms.gov.br/age/artigostec/artigoluciane.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2026.

MACHADO, Vanessa Rosa. *Lygia Pape, espaços de ruptura*. 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MARIA JOSÉ de Castro Rabello é a primeira mulher a exercer o cargo de diplomata no Brasil. *Associação dos Diplomatas Brasileiros*, 2018. Disponível em: <https://apd.org.br/a-primeira-mulher-no-servico-publico-brasileiro-100-anos/>. Acesso em: 12 fev. 2026.

MENDONÇA, Vanessa Cristina Cavalcante de. *Tecidos Estampados e Gravura Artística- Encontros na obra de Fayga Ostrower- de 1952- 67, no Rio de Janeiro*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História da Arte) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

MESQUITA, Cláudia. *De Copacabana à Boca do Mato: o Rio de Janeiro de Sérgio Porto e Stanislaw Ponte Preta*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.

MONTES, Natália. *A mulher que empoderava mulheres*. Curitiba: Editora Casa, 2004.

PINHEIRO, Ana Virgínia Teixeira da Paz. *Entrevista concedida a Denise Maria C.G. Porto*. Rio de Janeiro, 2024.

PORTO, Denise Maria C. G. Do Recife Letrado à República das Letras: itinerários biográficos de Rodolfo Garcia (1903-1943). *Pesquisa & Educação a Distância*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 27, p. 1-15, 2025.

PORTO, Denise Maria C. G. *Publicações de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RIHGB)* [Levantamento Cronológico 1973-2006]: Cartografia e iconografia do Rio de Janeiro. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, a. 167, n. 432, p. 71-94, jul./set. 2006. A Inquisição em Minas Gerais no século XVIII, de Neusa Fernandes. Resenha. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, a. 163, n. 414, p. 241-244, jan./mar. 2002. Lembrando Moacyr Soares Pereira. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, a. 162, n. 413, p. 221-222, out./ dez. 2001. Homenagem a Gilberto Ferrez. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, a. 161, n. 409, p. 199-203, out./dez. 2000. Herkenhoff, Paulo. Biblioteca Nacional, a história de uma coleção. Resenha. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 1996. Imagens do Rio de Janeiro na época da Regência. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 307, 1975. Imperatriz D. Tereza Cristina Maria. Conferência pronunciada no IHGB. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 304, 1974. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 299, p. 116 – 193, abr./jun. 1973.

RODRIGUES, José Honório. *História e Historiadores*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.



SANTOS, Renata; RIBEIRO, Marcus Venício Toledo; LYRA, Maria de Lourdes Vianna (orgs.). *O Acervo Iconográfico da Biblioteca Nacional: Estudos de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010.

SILVA, Maria do Perpétuo Socorro Lopes de Souza. *Uma contribuição à História das mulheres nas ciências do Brasil: Heloisa Alberto Torres, a primeira Diretora do Museu Nacional/UFRJ*. 2018. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SOUSA, Lia Gomes Pinto de. *Educação e Profissionalização de mulheres: Trajetória científica e feminista de Bertha Lutz no Museu Nacional do Rio de Janeiro (1919-1937)*. 2009. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009.